

Futuro presidente da Funai não quer emancipação

O futuro presidente da Fundação Nacional do Índio, engenheiro Ademar Ribeiro da Silva, afirmou ontem que não há qualquer possibilidade do projeto de emancipação do índio ser acionado em sua gestão. Para ele, o índio não tem consciência da vida civilizada para poder optar.

A meta de sua gestão, disse, será a inviolabilidade do espaço territorial e da cultura indígena. O futuro-presidente da Funai e atual diretor-geral do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem considera o índio brasileiro universal. "E toda a humanidade espera que nós o preservemos, como uma das únicas culturas primitivas sobreviventes no mundo".

Demarcação

O engenheiro Ademar Ribeiro da Silva admite que não é um profundo conhecedor da cultura indígena, mas diz que vai procurar se assessorar com estudiosos do assunto, entre eles, os irmãos Villas Boas, considerados por ele autoridades de nível Internacional. Ele não sabe se manterá o sertanista Apoena Meirelles na direção do Parque Nacional do Xingu, mas vê em Apoena um grande homem, com as melhores credenciais.

A demarcação de terras das reservas indígenas recebe do Sr Ademar Ribeiro da Silva tratamento prioritário. Contra as invasões ele espera apoio de todas as autoridades para repeli-las; "porque invadir terras indígenas é uma data de consciência, de respeito aos direitos do cidadão e de respeito à própria lei, que deve ser tratada como caso de polícia".

Para isso, o futuro presidente da Funai pretende agilizar a estrutura da Funai, dando-lhe mais capacidade de movimentação e intervenção: "precisaremos também de mais verba, porque a Funai é uma Fundação pobre, e para empreendermos os trabalhos de demarcação e darmos aos índios a proteção que eles necessitam precisaremos de mais recursos".

Luta

O Sr Ademar Ribeiro da Silva comprometeu-se a lutar em sua gestão por novas reservas indígenas, "para não só preservar os nossos 200 mil índios, mas fazê-los crescer em número". Para o seu trabalho ele pediu colaboração de todos que gostam dos índios; dos estudantes, dos missionários e das autoridades.

Ele afirmou que não conhece muito o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), mas revelou que respeita o trabalho dos missionários, "que fizeram muita coisa, e quem ainda não fez nada tem que respeitar o trabalho que já foi feito". Sobre o apoio da população à proteção aos índios pediu: "fiquem do lado dos índios, não do meu lado, me critiquem quando eu errar, mas fiquem ao lado dos índios".

Para ele, lembrou, o problema dos índios não existe, o que existe é o problema do branco, este é que tem que se

endireitar e aprender a respeitar o índio. Quanto à liberdade de reunião e manifestação, reclamada pelos índios, em reuniões promovidas pelo Cimi, o Sr Ademar Ribeiro da Silva afirmou: "todos devem ter liberdade de reunião, manifestação e expressão, principalmente os índios, que já têm tantos problemas, devem ter liberdade para nos apontar esses problemas."

Dádiva

O engenheiro Ademar Ribeiro da Silva, que dirigiu os trabalhos de abertura da Rodovia Transamazônica, afirma que já teve alguns contatos com tribos indígenas e suspendeu algumas vezes os trabalhos de abertura da estrada para proteger os silvícolas. "Eu sempre fui *vidrado* em índio, confidência o atual diretor do DNER, pediu para desligar o gravador".

Confessa que há 30 anos não vê filmes de índios, "porque sente repugnância da matança nessas exibições" e acrescenta que acha uma "dádiva de Deus" ter sido indicado para dirigir a Fundação Nacional do Índio, "onde acredito que tenha alguma coisa a contribuir".

Para ele o Ministro Mário Andreazza dará um grande apoio ao seu trabalho, "é um homem sensível, que também pensa em dar ao índio um período de tranquilidade". Sobre o fato do Ministro Andreazza ter sido responsável por alguns dos empreendimentos que atravessaram reservas indígenas, ele comentou:

"O Ministro Mário Andreazza sempre foi um homem preocupado em executar bem o seu trabalho e eu acho que ele vai procurar desempenhar bem o seu trabalho no Ministério do Interior. Se ele fez alguma coisa que prejudicou os índios não foi com essa intenção, não foi contra ninguém".

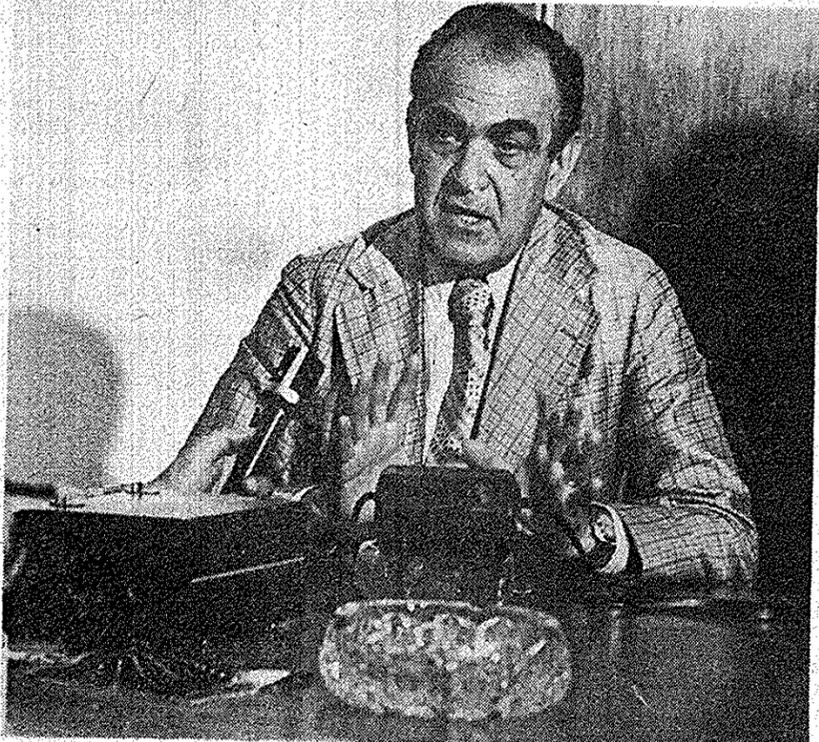
Trabalho

Logo que assumir, o futuro presidente da Funai, Sr Ademar Ribeiro da Silva, pretende entrar em contacto com todos os problemas dos índios visitando aldeias e conversando com eles. "O índio vive muito bem no seu habitat natural, é preciso mantê-lo nesse estado", defendeu.

Ele lembrou uma entrevista que assistiu, feita pelo jornalista Carlos Chagas com um missionário, Frei Bento, em que este afirmava: "Não há nada a ensinar aos índios, só a aprender. Até religiosamente eles são íntegros, desde que não seja violentada sua cultura". Acho isso uma grande verdade, comentou.

Para o engenheiro Ademar Ribeiro da Silva, sua formação — com poucos conhecimentos de antropologia e da cultura indígena — não impedirá que ele desempenhe um bom trabalho no sentido de fazer cumprir a missão constitucional da Funai: "Preservar o índio e sua cultura, o que é exaustivamente repetido na Constituição".

Foto de Alberto França



O Sr Ademar Ribeiro da Silva reconhece que não sabe muito sobre os problemas dos índios, mas se diz "vidrado" neles e está muito feliz

General deve ter função executiva

Logo depois do carnaval, o futuro presidente da Funai, Sr Ademar Ribeiro da Silva, fará novo contato com o General Ismarth de Oliveira, possivelmente para comunicar-lhe a equipe que o escolheu. Espera-se a confirmação do atual presidente na Fundação no cargo de superintendente-executivo ou assessor-chefe da Assessoria de Planejamento.

No encontro que tiveram quinta-feira, o General Ismarth apresentou a seu sucessor as áreas críticas em problemas de terras e reiterou a necessidade de ampliar os recursos do órgão, tanto para projetos como para pessoal, especialmente os que atuam diretamente em áreas indígenas. Atualmente, a Funai está com um déficit de 45% em seu quadro de pessoal.

Áreas críticas

As áreas críticas em questão de terras são: Pimental Barbosa (MT), onde os xavantes aguardam decisão do Ministério do Interior quanto à alteração dos limites; Areões (MT), que tem duas fazendas instaladas dentro da área, apesar da ação impetrada pela Funai na Justiça; Sangradouro (MT), onde os xavantes reivindicam aumento da área em cerca de 20 mil hectares; Couto Magalhães

(MT), onde índios também xavantes reivindicam área de mata pertencente à Fazenda Xavantina.

Além dessas, há o problema da área do alto rio Guamar (PA), onde a Funai estuda com o INCRA e o Instituto de Terras do Pará a possibilidade de reassentar posseiros de uma das margens da estrada que corta a reserva para o outro lado, livrando a área de invasão.

Enchentes

Durante o carnaval, com base em levantamento do Departamento de Operações, a Funai deslocará um avião Bandeirante para atender os carajás do Posto Vontoura (Bananal), os índios Gavião de Sororó e Trocará (PA) e os Paracana, de Tucuruí (PA). Os aviões levarão medicamentos, roupas e alimentos para estas áreas, atingidas pela cheia dos rios Araguaia (Bananal) e Tocantins (Pará).

Os índios do Pará atingidos pelas cheias estão abandonando suas áreas e deslocando-se para cidades, principalmente para Belém. A fim de impedir o deslocamento, que poderá até facilitar invasões nas áreas indígenas, a Funai pretende realocar os índios em outras áreas dentro da reserva, prestando-lhes assistência no acampamento temporário.